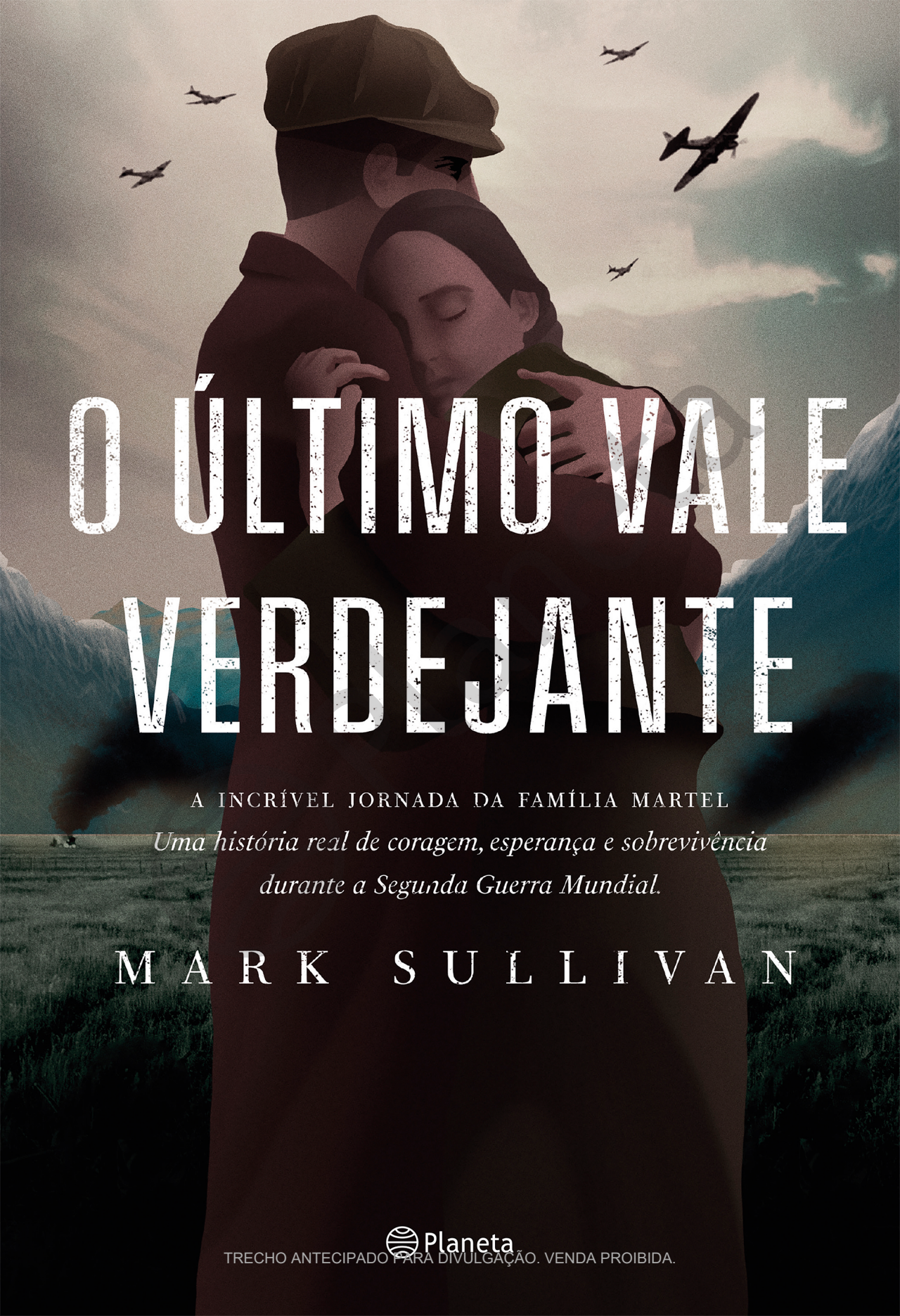




O ÚLTIMO VALE VERDEJANTE

A INCRÍVEL JORNADA DA FAMÍLIA MARTEL

*Uma história real de coragem, esperança e sobrevivência
durante a Segunda Guerra Mundial.*

M A R K S U L L I V A N

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O ÚLTIMO VALE VERDEJANTE

A INCRÍVEL JORNADA DA FAMÍLIA MARTEL

*Uma história real de coragem, esperança e sobrevivência
durante a Segunda Guerra Mundial*

M A R K S U L L I V A N

Tradução
Débora Isidoro

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Mark Sullivan, 2021
Publicado em acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria e Amazon Publishing, www.apub.com.
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Débora Isidoro, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: The Last Green Valley

Preparação: Thais Rimkus
Revisão: Lígia Alves e Luana Negraes
Projeto gráfico e diagramação: Futura
Capa e ilustração de capa: Jonatas Belan

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Sullivan, Mark
O último vale verdejante / Mark Sullivan ; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
448 p.

ISBN 978-85-422-3695-8
Título original: The Last Green Valley

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

25-2449

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
São Paulo-SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Fim de março de 1944

Governatorato da Transnístria

Um vento frio soprava à luz do amanhecer. As bombas se faziam ouvir nas direções norte e leste. O estrondo da guerra ficava mais próximo a cada minuto.

Adeline Martel, vinte e oito anos, se esforçou para passar pela porta dos fundos da cozinha com as pesadas roupas de inverno, levando um caixote cheio de utensílios de cozinha para a carroça coberta estacionada na frente de sua modesta casa no distante e pequenino vilarejo agrícola de Friedenstal.

Um tanque *Panzer* alemão danificado passou por lá sacolejando e rangendo à luz do início da manhã, perturbando os cavalos. Caminhões cheios de soldados alemães feridos seguiam o tanque. Adeline ainda ouvia os gritos e o sofrimento agonizante deles muito tempo após passarem por ali, e via silhuetas de mais caminhões e mais carroças puxadas por cavalos e mulas, como a dela, vindo do leste, contornados pelo sol nascente atrás deles.

— Mamãe! — gritou o filho caçula, Wilhelm, que a tinha seguido pela porta dos fundos.

— Agora não, Will — respondeu Adeline, bufando ao alcançar a grande carroça de madeira coberta por lonas enceradas para formar um capô para abrigo.

— Mas preciso saber se posso levar isso — disse o menino de quatro anos e meio, mostrando a pedra que era o mais recente de seus bens valiosos.

— Pegue seu chapéu de lá em vez disso — respondeu ela, acomodando o caixote ao lado de outro que continha pratos, xícaras e assadeiras e mais um com potes de farinha, fermento, sal, pimenta, banha e outros itens essenciais à sobrevivência deles.

Emil se aproximava apressado pelo outro lado da casa, carregando um barril com tampa.

— Quanto? — perguntou ela.

— Oito quilos de carne-seca de porco. Dez quilos de carne-seca de vaca.

— Deixei espaço para isso aqui atrás.

Outro tanque passou sacolejando quando o marido dela, um homem de trinta e dois anos, pôs o barril no fundo da carroça e, grunhindo, começou a prendê-lo à lateral.

— Vou pegar todas as cebolas e as batatas do porão — disse ela. — A roupa de cama já está ajetada.

— Vou encher o saco grande de água — avisou ele, antes de outra bomba explodir a nordeste.

O filho mais velho do casal, Waldemar, de seis anos e meio, saiu pela porta dos fundos da casa puxando uma réplica da carroça, menor, com cerca de um metro de comprimento, as mesmas laterais altas e os mesmos eixos e rodas com estanho pregado nas guarnições.

— Bom garoto, Walt — disse Adeline, apontando para a carroça. — Preciso disso. — Ela pegou o cabo e manobrou a carroça menor. — Vem comigo. Vem depressa. Preciso de sua ajuda.

As crianças a seguiram até o porão e a ajudaram a recolher rapidamente o estoque de batatas, cebolas e beterrabas. Depois levaram tudo para a carroça pequena e a engataram na maior. Já havia mais caminhões alemães e veículos blindados danificados na estrada, além de dezenas de carroças cobertas e cavalos rumando a oeste, todos tentando ser mais rápidos que os exércitos de Joseph Stálin, que atacavam novamente.

O ar cheirava a excremento de cavalo, fumaça de motor, combustível e suor. O barulho, o vento frio de chuva, a mistura enjoativa de cheiros e o nervosismo dos cavalos conspiravam para deixar Adeline ainda mais tensa enquanto eles transferiam as raízes do porão para sacos de juta e Emil amarrava um grande saco de borracha com água de um lado da carroça, junto ao balde do poço.

Vários quilômetros ao sul, no céu, um avião de combate alemão passou rugindo, cuspidor fumaça.

— Mamãe, não gosto desses barulhos — disse Walt.

— Por isso estamos partindo — respondeu Emil enquanto acomodava os sacos de juta na carroça grande, depois olhou irritado para Adeline. — Devíamos ter acordado antes e ido com meus pais.

— Não estávamos prontos para ir às quatro da manhã e, como sempre, eles não quiseram esperar por nós — respondeu Adeline, incisiva. — E...

— E o quê?

Ela viu outro tanque passar, se aproximou dele e disse em voz baixa:

— Tem certeza, Emil? Fugir com os nazistas?

Emil sussurrou:

— Podemos ficar e esperar o urso que sabemos que vai nos matar, ou estuprar você e matar as crianças e a mim, ou nos fazer prisioneiros na Sibéria. Ou podemos fugir com os lobos que vão nos proteger até podermos fugir para oeste. Fugir da guerra. Fugir de tudo.

Três dias antes, um oficial da SS havia batido à porta deles e oferecido proteção caso quisessem pegar suas coisas e seguir para oeste. Depois da visita, eles discutiram por várias horas. Agora Adeline olhava para ele, ainda dividida em relação à decisão que tomaram, mas sentindo o que sempre sentia por Emil: deixando de lado o mau humor e o jeito quieto, ele não era só um bom homem como era um homem experiente, um lutador e um sobrevivente.

— Tudo bem — disse ela. — Fugimos com os lobos.

— E nossa carrocinha? — perguntou Walt.

— Vamos encontrar espaço para ela — respondeu Emil.

O vento soprou forte. Uma folha marrom e seca do outono se levantou da grama morta à esquerda de Adeline, rodopiou e dançou pelo terreno e em volta dela e dos meninos em um padrão curioso, rôpego, antes de o vento suspirar e a folha cair no chão suavemente. Isso a fez lembrar uma noite, muito tempo antes, quando viu uma cédula voando, uma cédula amassada que dançara diante dela da mesma maneira curiosa que essa folha, como se respondesse a alguma prece desesperada e primal.

Adeline voltou à cozinha pela última vez, estranhamente perturbada pela folha e pela lembrança, tão agridoce quanto misteriosa, tão fascinante quanto assustadora.

Como toda grande mudança em minha vida, levada pelo vento.

*

Lá fora, Emil terminava de amarrar a carroça menor na parte de trás da maior.

— Não pode pisar nela, certo? — disse aos filhos pequenos. — Se quiserem sair por trás, esperem eu tirá-la.

Walt assentiu. Will perguntou:

— Quando vamos partir, papai?

— Assim que a mamãe voltar, e sua avó e sua tia chegarem aqui. Usem o banheiro de fora, se precisarem.

Os meninos correram para trás da casa, enquanto os dois cavalos, Odin e Thor, dançavam no lugar, novamente assustados com os tanques que passavam tão perto. Emil teve de acalmá-los e falar com eles até que, finalmente, ficaram tranquilos. Os cavalos eram fortes e bem cuidados. Estavam acostumados a puxar arado e carregar peso. Se seguissem mais devagar com a carga pesada nas encostas mais íngremes e se não sofressem nenhuma lesão ou acidente, Emil acreditava que levariam sua família bem longe.

Ele fez uma pausa para estudar a casa que havia construído sozinho, lutando contra pensamentos de tristeza e arrependimento. Era só uma casa. Haveria outras. Emil havia aprendido do jeito mais difícil a renunciar a qualquer posse por muito tempo em sua vida. Mas olhou para o telhado por um momento e se viu dois anos e meio antes, carregando folhas de zinco e vigas em sua carroça até uma cidade chamada Dubossary, cerca de trinta quilômetros a oeste.

Ele se livrou da lembrança e deu as costas para a casa e para o telhado.

— Se Deus deu, Stálin tirou — resmungou, e se recusou a dar mais atenção à casa que havia construído. Em sua cabeça e seu coração, a casa já havia desmoronado, virado pó ou queimado até se tornar cinzas.

Vuuuump, vuuuump. O barulho da artilharia começou a soar ao norte. *Vuuuump, vuuuump.* As explosões ainda não eram próximas o suficiente para fazer o chão tremer, mas logo ele viu colunas de fumaça escura no céu a nordeste, a não mais que nove ou dez quilômetros. Pela primeira vez, os riscos da viagem com a família ficaram claros, e ele se apoiou cambaleante e atordoado na lateral da carroça. Rememorou um dia de setembro de 1941, quando havia se agarrado à lateral dessa mesma carroça, sentindo uma náusea implacável e o calor do meio-dia, ouvindo o barulho dos gafanhotos enquanto vomitava o veneno que transbordava de suas entranhas. Tinha olhado para o alto e brandido o punho para o céu com tanta amargura que vomitara novamente.

Lembrando-se daquele dia, e ainda agarrado à lateral da carroça, Emil ficou chocado com a dor que sentia no coração. *Eu me lembro disso. Da sensação de ter a alma arrancada do peito.*

*

Adeline saiu da casa com mais algumas coisas, apressada. Os meninos saíram do banheiro.

— Vamos? — perguntou Will.

— Sim — disse ela.

Quando contornou a casa, viu Emil reclinado, segurando a lateral da carroça com uma das mãos, arfando, de olhos fechados e com o rosto contorcido de dor, enquanto a outra mão agarrava o peito.

— Emil! — gritou e correu para o marido. — O que houve?

O homem se assustou e olhou para Adeline como se ela fosse parte de um pesadelo, depois de um sonho desesperadamente bem-vindo.

— Nada.

— Você parecia sentir alguma coisa no coração.

— Senti doer por um segundo — confirmou, erguendo o corpo e limpando o suor da testa. — Mas estou bem.

— Não está — desmentiu-o ela. — Emil, você está branco como a neve.

— Já vai passar. Estou bem.

— Mamãe, lá vêm Oma e Malia! — gritou Will.

Adeline deixou de se preocupar com o marido quando viu a mãe segurando as rédeas dos dois cavalos velhos que puxavam sua carroça em um ritmo constante na confusa caravana de refugiados e soldados derrotados rumo a oeste.

O rosto de Lydia Loring estava mais sério e rígido que de costume, mas a mulher de cinquenta e quatro anos ainda se vestia como nos últimos quinze, com o cinza-escuro e o preto da viuvez. Como de costume, Lydia falava sem parar com a irmã de Adeline, que tinha trinta e cinco anos e se inclinava ligeiramente para longe da mãe, assentindo e sorrindo sem dizer nada. Uma interação muito comum entre as duas. Malia tinha sido escoiceada por uma mula aos quinze anos, e isso a deixara infantilizada em alguns aspectos e mais esperta que a maioria das pessoas em outros. Ela olhou para Adeline e piscou.

Outra saraivada de tiros de canhão começou, agora perto o bastante para fazer o chão tremer sob os pés deles. Quatro aviões de combate alemães rasgaram o céu, seguidos por seis aeronaves soviéticas. Metralhadoras abriram fogo acima deles.

— Uau! — exclamou Will, eufórico.

— Mamãe! — gritou Walt, agarrando-se à cintura de Adeline.

*

— Subam todos! — gritou Emil, que correu para soltar os cavalos.

Quando se acomodou no banco com as rédeas em mãos e conferiu se Adeline estava a seu lado e se os meninos estavam sob a cobertura atrás dele, Emil gritou para a sogra:

— Hoje vamos o mais longe possível dos conflitos!

— Tão longe quanto meus cavalos nos levarem! — gritou Lydia de volta.

Emil soltou o freio simples da carroça e estalou a língua para os cavalos, que se esforçaram para mover a carga. De início, a carroça avançou lentamente, depois foi ganhando velocidade suficiente para entrar em uma brecha entre outras carroças e grupos de refugiados a pé que se afastaram, levando seus pertences em sacos de juta e olhando com inveja para os Martel enquanto passavam por eles.

No extremo oeste do vilarejo, eles passaram pela casa dos pais de Emil, a casa em que passara a infância. A porta da frente estava aberta. No quintal não havia nada que valesse a pena salvar.

Emil recusou qualquer lembrança da infância ou da vida mais recente em Friedenstal. Isso havia acabado. A pessoa que vivera essas coisas não existia mais. De sua parte, aquela vida fraturada agora era escombros.

*

Ao lado dele, Adeline olhava para os quintais, vendo fantasmas de relacionamentos passados, de brincadeiras de crianças e pais cantando durante a colheita, de todo um estilo de vida ligado às estações e à celebração delas.

Ela se lembrou de um momento muito feliz: 1922, quando tinha sete anos e sacudia em uma carroça como essa. Adeline viajava sentada na parte de trás, entre cestas de comida que a mãe havia preparado enquanto seguiam para os campos, onde os homens cortavam trigo. Era quase outubro, mas o clima ainda era ameno e pairava no ar o cheiro de tudo o que ela amava. Ela levou a cesta para o pai, o chefe da colheita, que trabalhava em uma colheitadeira mecânica.

Karl Losing tinha um fraco pela filha mais nova e sorriu quando ela se aproximou com o almoço. Eles se sentaram lado a lado à sombra da colheitadeira, olhando para as colinas douradas de trigo, comeram pão fresco com embutidos e beberam chá gelado.

Lembrava-se de se sentir segura e encantada pelo ambiente.

— Vamos morar para sempre aqui, papai? — perguntou a jovem Adeline.

— Para sempre e um pouco mais, filha. A menos, é claro, que os bolcheviques fedidos consigam o que querem e sejamos jogados ao vento e aos lobos.

Vinte e dois anos mais tarde, na carroça que os levava para a saída de Friedenstal, Adeline se lembrava nitidamente do aborrecimento que sentiu quando o pai disse isso. Por um tempo, andara olhando para trás com medo de os lobos surgirem da floresta e a perseguirem.

Sentia-se do mesmo jeito ao sair do vilarejo, seguindo para oeste com o sol e os tiros de canhão vibrando atrás deles, passando por campos não arados e árvores florescendo, por pássaros voando e cantando sobre os penhascos, por sonhos destruídos, enterrados pela realidade de fome e guerra.

Mais aviões de combate alemães cortaram o céu a caminho das linhas de batalha.

— Para onde vamos, papai? — perguntou Walt, num tom preocupado.

— Para oeste — disse Emil. — O mais longe que conseguirmos. Para o outro lado do oceano, talvez. Não sei.

— Do outro lado do oceano? — repetiu Adeline, surpresa e um pouco assustada.

— Por que não? — indagou o marido, olhando para ela.

Adeline disse a primeira coisa que passou em sua mente.

— Não sabemos nadar.

— Vamos aprender.

Will insistiu:

— Mas por que vamos para oeste?

— Porque lá a vida será melhor — explicou Emil.

Um cavalo relinchou no caos de carroças, charretes, tanques e caminhões atrás deles. As pessoas começaram a gritar. Walt olhou para trás.

— Um caminhão da Wehrmacht bateu na carroça de alguém logo atrás da Oma — disse ele. — E em um cavalo também. Tudo capotou, o cavalo caiu, quebrou a perna e não consegue se levantar.

Emil estalou a língua para Odin e Thor, que correram para se aproximar da carroça da frente. Will ainda parecia aborrecido. Ele foi para o colo da mãe, se aninhou em seu peito e disse:

— Como é lá, mamãe?

— Onde? — perguntou ela, abraçando-o e o embalando.

— O oeste. Como é?

Afagando o rosto do filho, Adeline olhou nos olhos de Will, sorriu e disse:

— É um lindo vale verdejante cercado por montanhas e florestas. Com neve no topo dos picos. No sopé há um rio sinuoso e campos de grãos para fazer pão, além de hortas com vegetais para nos alimentar. Papai vai construir uma casa para nós, onde vamos morar juntos para sempre. Nunca vamos nos separar.

Isso acalmou Will. O menino relaxou.

— Acho que vou ter outros meninos com quem brincar — comentou ele.

Adeline achou graça de sua expressão, tão inocente e esperançosa que fez seu coração transbordar. Ela fez cócegas no menino e disse:

— Imagino que vai ter muitos meninos com quem brincar, além de muito trabalho para fazer. Seremos felizes. Você e seu irmão vão crescer e seguir o que seus corações quiserem.

— Como assim?

— Vocês serão quem quiserem ser, não o que alguém disser que devem ser — disse Emil.

— Vou ser como você, papai — anunciou Will, já fechando os olhos.

Adeline olhou para o marido, que sorriu, e depois para trás, para Walt, que tinha se deitado e cochilava.

Ela olhou novamente para Emil, cujo sorriso tinha se tornado algo mais sofrido.

— Tem certeza de que está bem?

Ele arrotou.

— Pronto, isso deve resolver. Provavelmente era o que eu estava sentindo antes.

Depois de um momento, ela falou em voz baixa:

— Vamos encontrar, não vamos, Emil? Um vale como esse, que possamos chamar de lar? Um lugar de onde nunca sairemos?

O rosto de Emil ficou ainda mais tenso. Ele não a encarou, mas deu de ombros e disse:

— Alguém me disse uma vez que, se você insiste em rezar por alguma coisa, um dia a alcança.

— Fui eu quem disse isso — respondeu Adeline, sorrindo. — E quem me falou foi a senhora Kantor.

— Eu sei.

— É uma graça, Emil. A resposta de Deus a suas preces. Você ainda acredita nisso, não é?

— Adeline, depois do que você e eu vimos, há dias em que não sei se Deus nos ouve, muito menos se responde. Mas vou dizer em que acredito.

— Em quê?

— Seja qual for o lugar onde vamos parar, será melhor que o inferno que já enfrentamos.

A caravana subiu uma encosta até um platô e virou para o norte, permitindo que Adeline olhasse para trás, para a vida que abandonava, uma última vez. O vento frio se tornava tempestuoso. Ela ouviu mais canhões e viu fumaça se elevando das colinas além do vilarejo.

— Tem razão — disse ela. — Qualquer lugar é melhor que aquilo.



Novembro de 1929

Schoenfeld, Ucrânia

A luz tremulou e a lâmpada se apagou. Mas Adeline Losing, então com catorze anos, tinha previsto o corte de energia na pequena escola que frequentava e já havia acendido o lampião de querosene sobre a pia da cozinha dali, onde trabalhava após as aulas.

Enquanto esfregava a última panela grande do dia, Adeline sentiu fome, o que era comum nos últimos tempos. Olhou para um saco cheio de casca de batata recém-cortada sobre a bancada, imaginando como a mãe as prepararia, e, sentindo ainda mais fome, enxugou a panela e a guardou na prateleira.

Duas horas, pensou Adeline, enxugando as mãos. *Duas horas da vida por alguns rubros e um quilo de casca de batata. Vale a pena?*

Mal acabara de formular a pergunta, disse a si mesma para não seguir essa linha de raciocínio. Questionar seu trabalho e o que você recebe por ele pode causar problemas sérios se isso for feito em voz alta sob o governo de Joseph Stálin. O simples fato de pensar muito em assuntos assim pode provocar comentários acidentais. E, então, onde ela iria parar?

Seria jogada ao vento e aos lobos, diria seu pai. Era onde estaria. Jogada ao vento e aos lobos em algum lugar distante e gelado.

Adeline vestiu o pesado casaco de lã, presente de uma tia morta, e disse a si mesma: *Não. Vou para um lugar melhor.*

Ficava emocionada ao pensar nesse lugar melhor. Algum lugar onde ela e a família teriam uma vida melhor que a atual, tão injusta e cruel. Ela não sabia muito sobre esse futuro, mas a simples ideia do “melhor” a fez sorrir e sentir-se menos cansada.

Adeline cobriu a cabeça com um xale de lã, pegou a lamparina e as bolsas e dirigiu-se à porta da cozinha. Ela a abriu e saiu para a noite fria e escura. Tremendo, trancou a porta e levantou a lamparina, caminhando em direção a oeste, para o outro lado da cidade, para casa.

Corra, pensou e apressou o passo. É o que papai sempre diz. Se você quer as coisas, corra para elas. Se quer as coisas feitas, corra para isso.

Nunca conheceu ninguém que corresse mais que o pai. Ele acordava antes de todo mundo e era o último a ir para a cama. E não parava um minuto sequer.

Adeline seguia em um ritmo constante, acelerado, atravessando as ruas desertas de uma colônia agrícola que existia havia quatro, cinco gerações, desde o reinado de Catarina, a Grande. Já no fim dos anos 1700, as terras cultivadas da Ucrânia estavam entre as mais produtivas, com um solo negro rico capaz de produzir colheitas abundantes se semeado e tratado de maneira apropriada.

A mão de obra local, no entanto, não se mostrou boa na agricultura, e a imperatriz começou a aprovar a imigração de milhares de famílias alemãs. Durante décadas esses alemães étnicos, ou *Volksdeutsche*, receberam terra e isenção de impostos em troca de conhecimentos e de sua produção. Eles chegavam em ondas, plantavam e prosperavam por toda a Ucrânia, fornecendo trigo para a Mãe Rússia por mais de um século.

Os *Volksdeutsche*, especialmente os chamados “alemães do mar Negro”, que viviam entre Odessa e Kiev, nunca assimilaram a cultura russa por completo. Eles construíram suas casas e fundaram cidades e povoados como Schoenfeld replicando os que haviam deixado em sua terra natal, erigindo igrejas para perpetuar sua fé luterana e escolas para educar suas crianças e manter viva sua língua nativa.

Várias gerações depois, esses alemães do mar Negro se isolaram da Alemanha e de sua cultura, desconectaram-se quase completamente de suas raízes. Em geral, porém, a vida era boa para eles e para mais ou menos um milhão de outros *Volksdeutsche* que viveram na Ucrânia até 1917. Antes da revolução bolchevique, Schoenfeld era uma colônia próspera de alemães do mar Negro étnicos que produziam regularmente colheitas de alto rendimento para alimentar a Rússia e eles mesmos.

Mas isso mudou.

Naquela noite, quando a jovem Adeline atravessava a cidade correndo, a maioria das outras antigas famílias já tinha sido banida da colônia, expulsa de suas propriedades, substituída por gente que não sabia cultivar a terra. Esse foi o principal motivo para os soviéticos decidirem deixar a família de Adeline permanecer em seu lar ancestral: dos que restavam, o pai dela era o único que sabia produzir uma boa colheita de trigo. Sem ele, os idiotas

da cidade estariam fadados a uma safra fracassada após a outra, e todos por ali morreriam de fome.

Estamos seguros, disse Adeline a si mesma na metade do caminho. *Mamãe disse que sim. Eles precisam do papai, por ora estamos seguros. E devemos ter comida suficiente para o inverno.*

Adeline parou, levantou um pouco mais a lamparina e olhou para a silhueta escura diante dela, deitada imóvel sobre a grama alta e morta. Deu um passo cauteloso, depois outro. Segurando a lanterna mais à frente, deu o terceiro passo e parou, congelada.

Um cachorro, um grande vira-lata, morto: sua garganta fora cortada e ele estava abandonado em uma poça do próprio sangue. Sangue ainda molhado, não congelado. Ele cintilava à luz da lanterna, e isso a assustou ainda mais. Alguém tinha acabado de matar aquele animal.

Adeline olhou em volta e só viu o círculo de luz, as sombras e a escuridão além delas, no entorno. Nenhum movimento. Nenhum som além das batidas do coração nos ouvidos e da própria voz na cabeça.

Conte para o papai!

Ela saiu correndo, segurando a lanterna à frente e para o lado ao passar pelo estábulo que pertencera a um amigo do pai dela, junto da via antes da última curva que levava a sua casa.

Adeline viu o segundo cachorro morto momentos depois: era um pequeno terrier com a garganta cortada e jogado na sarjeta. Ela conhecia o cachorro e sentiu vontade de chorar. Ela o tinha visto naquela manhã, a caminho da escola.

Mataram dois!

Aterrorizada, ela correu ainda mais e resistiu à imaginação sombria, às imagens que se sucediam até dominarem sua mente com o assassinato dos dois cachorros. Finalmente, chegou ao portão da bela casa de madeira em modesto estilo bávaro que o bisavô tinha construído quase um século antes, com um telhado inclinado de telhas também de madeira, duas águas e revestimento vermelho ao longo dos intradorsos. Ela levantou o ferrolho da porta com o joelho, a empurrou, entrou e usou o calcanhar para fechá-la.

— Apague a lamparina — disse o pai, da mesa em que reparava um arreio de couro para os cavalos de arado. Havia duas lamparinas acesas penduradas nas vigas acima dele e um fogo ardente às costas.

— Papai, eu...

— Apague a lamparina, menina — disse Karl Losing. — O combustível está escasso hoje em dia.

— Escute seu pai — disse Lydia, a mãe dela, da cozinha. — E onde estão aquelas cascas? Eu a esperava bem mais cedo.

Adeline engoliu a frustração e soprou a chama da lamparina enquanto o irmão de onze anos, Wilhelm, entrava pela porta dos fundos com lenha para o fogo. Ela pendurou a lamparina em um gancho ao lado da porta da frente e guardou o casaco e o cachecol antes de correr para levar as cascas de batata para a cozinha, onde Lydia tirava o pão do forno a lenha.

— Cascas — anunciou Adeline, deixando o saco no chão. — Um quilo. Eu pesei.

— Terminou de cortar cebola para acompanhar as cascas, Malia? — perguntou a mãe, deixando a fôrma de pão sobre o forno para esfriar.

— Se eu tivesse terminado, você seria a primeira a saber, mãe — respondeu a irmã mais velha de Adeline, Amalia, com sua cadência estranha. Estava de costas para elas, cortando cebola sem pressa, com atenção.

— Arrume a mesa, Adella — disse a mãe. — E vá encher a jarra no poço.

— Preciso contar uma coisa para o papai, mamãe.

— Vá fazer o que eu mandei.

Adeline sabia que era impossível argumentar com a mãe depois que ela dava uma ordem, então pegou a jarra e saiu para enchê-la na bomba do quintal. A temperatura estava caindo, e, quando ela voltou e deixou a água sobre a mesa, suas mãos formigavam. Desviando do pai, que continuava trabalhando, ela distribuiu colheres para cinco. Depois de arrumar também as canecas e as tigelas, Adeline parou bem na frente dele.

— Papai — chamou.

— Não pode esperar a hora do jantar, filha? — perguntou ele, sem nem olhar para a menina.

— Não vê que seu pai está ocupado? — interferiu a mãe.

Adeline se sentiu ignorada e explodiu. Ela começou a chorar.

— Papai, por favor! Você precisa me ouvir!

Finalmente, o pai desviou o olhar do trabalho com o couro, aparentemente intrigado com a explosão emocional.

— O que foi? Por que as lágrimas? Qual é o motivo de tanta tristeza?

— Quando eu estava voltando da escola — falou, chorando —, vi dois cachorros mortos. Com a garganta cortada. O sangue ainda fresco.

O rosto do pai se transformou. Ele deixou os arreios sobre a mesa e respondeu, em voz baixa:

— Acalme-se, Adella, e me diga onde os viu.

O chorou perdeu intensidade. A menina enxugou as lágrimas com a manga puída do suéter.

— A que distância daqui? — ele quis saber.

— Um deles a uns trezentos metros. Talvez menos.

O pai olhou para as mãos envelhecidas. Adeline sempre o considerou invencível e cheio de energia, mas agora o via murcho, menos confiante.

O homem olhou para a esposa, que estava parada na porta da cozinha e limpava as mãos no avental, preocupada.

— Foi outra pessoa, Karl — disse ela. — Um dos idiotas novos mostrando os dentes.

Ele engoliu em seco e assentiu.

— Espero que sim.

Adeline não se conteve. Contornou a mesa e abraçou o pai. Ele não disse nada, apenas afagou o braço da filha por vários momentos, antes de comentar:

— Preciso terminar meu trabalho antes do jantar, menina. Vá ajudar sua mãe.

A pequena o beijou e recuou. Ele sorriu com ternura, tocou o rosto da filha e voltou a trabalhar no arreio com o furador, a agulha grossa e o fio de couro.

Adeline foi para a cozinha, onde a mãe misturava cebola e casca de batata em uma frigideira de ferro.

— Mamãe...

— É para um dos idiotas — declarou a mãe.

— O quê? — Malia quis saber.

Adeline ia responder, mas a mãe olhou para ela por cima do ombro, um olhar duro, e a menina balançou a cabeça.

— Não é nada, meu bem.

Malia insistiu.

— Não vou ter um treco.

— Eu sei.

— Estou melhor do que nunca.

— Está mesmo — concordou a mãe. — Melhor do que poderíamos esperar.

— Obrigada, mamãe — respondeu Malia, e foi como se esquecesse o assunto anterior. — O que faço agora?

— Sente-se, querida — disse Adeline. — Vamos comer.

— Ah. — A irmã se animou. — Boa ideia.

Com exceção de Malia e Wilhelm, o clima à mesa naquela noite era sombrio. Adeline e os pais temiam o que os cães mortos significavam.

Não havia um maluco solto em Schoenfeld com sede de sangue canino. Sabia-se que a GPU, a polícia secreta de Stálin, matava cachorros para que os latidos não delatassem a presença dos policiais que chegassem no meio da noite em busca de prisioneiros políticos.

Em determinado momento da refeição, Adeline ficou chocada ao ver a colher tremer na mão do pai e a comida cair na tigela.

A mãe tocou o braço do marido.

— Você produziu a melhor colheita que eles tiveram em seis anos, Karl. Há escassez de grãos em todos os lugares. Eles não podem ficar sem você.

Karl não parecia convencido.

— Não ouviu por aí que eles não querem que ninguém se dê bem? — E olhou para a mesa por um instante, antes de dar um soco no tampo. — Primeiro os comunistas mataram todas as pessoas inteligentes que faziam as coisas funcionarem nas cidades. Agora eles querem transformar qualquer competência em um crime! O que aconteceu com o mundo? Como viemos parar nesse hospício?

Ele olhou para a esposa, que estava perplexa, para as filhas e o filho, que demonstravam receio. Normalmente, Karl Losing era um homem quieto, equilibrado, até afável. Mas agora tinha os ombros encurvados, e havia raiva e desespero em sua voz quando disse:

— Se não plantarmos, as pessoas morrem de fome. Se plantarmos muito e alimentarmos muita gente, nós nos tornamos um inimigo. Como é possível?

— Isso não está certo — disse Adeline.

— Nem um pouco — opinou Malia, surpreendendo a todos. — Se você trabalha muito, papai, e trabalha depressa, está fazendo o que é certo, porque Deus recompensa seu esforço.

Os olhos do pai marejaram ao pousarem impotentes na filha mais velha.

— Sim, meu bem, mas isso era quando a vida fazia sentido. Agora não há nada além de insanidade.

Às três horas da madrugada seguinte, bateram à porta da frente com os punhos e cassetetes, acordando a família inteira. Lydia começou a chorar imediatamente, assim como a filha mais velha.

— O que está acontecendo? — perguntou o irmão caçula de Adeline, sonolento, da cama mais baixa da bicama que dividia com ela.

— Shhh — respondeu ela. — Vou ver.

Adeline saiu da cama no escuro.

— Papai? — chamou ao chegar ao corredor curto do segundo andar e ver a silhueta do pai no alto da escada estreita, começando a descer com uma lamparina.

— Fique aqui, filha — disse ele, baixinho, olhando para ela. — Está tudo bem.

No entanto, incapaz de conter-se, ela o seguiu, descendo dois degraus com cuidado para olhar para baixo e à direita, onde o pai estava diante da porta, temeroso.

— Abra! — ordenaram, em russo.

Ele baixou a cabeça, deixou a lamparina sobre o aparador e removeu a barra de segurança. Um cassetete surgiu da noite escura e acertou sua barriga. Ele se curvou, cambaleou para a frente e caiu.

Adeline gritou.

— Papai!

Ele levantou a cabeça, olhou para ela em agonia. Dois homens grandes com casacos escuros e compridos entraram na casa.

— Sou o comissário Karpo da GPU — anunciou o terceiro homem atrás deles, menor e mais velho. — Camarada Losing, você é acusado de ser um cúlaque.

— Alguém que sabe o que está fazendo, você quer dizer? — retrucou Karl, arfando.

Um dos homens maiores o chutou.

— Não, camarada — respondeu o comissário. — Alguém que rouba do povo e do Estado.

— Eu não roubei nada — argumentou o pai de Adeline. — Proporcionei uma boa colheita a vocês.

O comissário Karpo olhou para seus subordinados.

— Revistem tudo. Lá fora também.

- O que estão procurando?
- Saberemos quando encontrarmos.

Lydia, Malia e Wilhelm se juntaram a Adeline na escada, aterrorizados ao verem a polícia secreta algemar Karl e deixá-lo deitado no chão, de lado, enquanto dois capangas reviravam a parte de baixo da casa. Dez minutos depois, um deles apareceu com um grande saco de grãos.

- Encontrei isso em uma lata no galpão — anunciou.

O comissário sorriu.

- E você diz que não rouba, camarada Losing?

— Um homem tem o direito de alimentar bem sua família em troca de seu trabalho.

- De onde tirou essa ideia?

Lydia afastou os filhos e desceu a escada, chorando.

- Por favor, não o matem.

— Matar? — repetiu o comissário, rindo. — Não, agora seu marido vai trabalhar onde poderá pensar no bem de seus semelhantes. Na Sibéria.

Eles deram uma hora para Karl pegar suas roupas mais quentes. Permitiram que ele abraçasse a esposa e os filhos antes de o levarem pela porta da frente.

Lydia chorava.

- Por quanto tempo ele vai ficar lá?

- Essa decisão não é minha — respondeu o comissário Karpo.

- O que vai ser de nós?

- Terão o destino de todos os cúlaques — disse e se virou.

— Eu volto! — gritou o pai de Adeline ao ser arrastado pela noite. — Eu prometo que volto!